

CAPÍTULO SETE

Mudança Gramatical, Semântica e Lexical

(Texto adaptado e traduzido de “Chapter Seven. Grammatical, Semantic and Lexical Change” em Terry CROWLEY, An Introduction to Historical Linguistics. Oxford: Oxford University Press, 1992 [3ª edição de 1997, reimpressão de 2002: 129-165]).

Até este ponto neste manual, temos debatido quase exclusivamente questões que se tratam da mudança sonora. Há mais na linguagem, entretanto, do que os sons. É necessário pensar na gramática da língua também, ou seja, as maneiras em que unidades de significado são compostas para criar unidades significantes maiores. A gramática está dividida tradicionalmente em **morfologia** (as maneiras em que as palavras estão compostas de unidades gramaticais menores, isso é, o morfema) e **sintaxe** (a maneira que as palavras são combinadas com outras palavras para constituir unidades maiores, ou seja, as **sentenças**). As regras gramaticais de uma língua são os elementos que ligam os sons com os significados. Ao falarmos da linguagem, também devemos mencionar os tipos de significados que são expressos, isso quer dizer, o sistema semântico. Tal como as línguas mudam quanto ao sistema sonoro, também sofrem mudanças no sistema gramatical e nos significados das palavras [[além de modificar como esses significados são expressos]]. É o propósito do presente capítulo introduzir alguns dos tipos de mudança que afetam a morfologia, a sintaxe e a semântica.

Tenho-me focado até agora no estudo da mudança sonora, enfatizando comparativamente pouco a gramática e a semântica. Isso não foi por acaso. O estudo da mudança sonora tem uma história longa, que dura mais de 150 anos. Os estudiosos tiveram, conseqüentemente, bastante tempo para reunir todo tipo de informações sobre a mudança sonora. Não só isso, mas também talvez seja inerentemente mais fácil de investigar as mudanças no sistema de sons de uma determinada língua do que é examinar seus componentes gramaticais e os sistemas semânticos. A quantidade de fonemas individuais numa língua varia de aproximadamente uma dúzia em algumas línguas a mais de cento e quarenta ao máximo noutras línguas. A extensão de mudanças possíveis, portanto, está muito mais restrito do que no caso do sistema gramatical de uma língua, em que pode haver dezenas (ou até centenas) de categorias gramaticais; e não é só isso, é preciso também considerar a existência de mis de construções gramaticais particulares presentes em qualquer língua. Além disso, se considerássemos o sistema semântico de uma determinada língua, o número de relações semânticas que poderia obter entre itens diferentes no léxico seria tão gigantesco que

ficasse quase incontável. Por conseguinte, é longe de ser surpreendente que saibamos mais sobre a mudança fonológica do que saibamos sobre a mudança gramatical e semântica.

7.1. A tipologia e a mudança gramatical

As línguas do mundo podem ser classificadas conforme sua *tipologia* gramatical. A classificação tipológica das línguas é uma análise que procura certas características de uma língua e agrupa essa língua com outra que compartilhe os mesmos traços. A classificação tipológica se diferencia fundamentalmente da classificação genealógica das línguas. Embora duas línguas possam ser colocadas no mesmo grupo por motivos tipológicos, isso não significa que as duas estejam aparentadas geneticamente, apesar de ser possível, obviamente, que as duas línguas cheguem a ser identificadas como parentes em outro momento. Igualmente, é possível que duas línguas que estejam aparentadas geneticamente sejam totalmente diferentes quanto à sua tipologia. O português e a língua tolai do Papua Nova Guiné, por exemplo, pertencem ao mesmo agrupamento tipológico, se consideramos que as duas compartilham a mesma ordem de palavras: **SUJEITO + VERBO + OBJETO**. O tolai e o motu (que também se fala no Papua Nova Guiné) são parentes genéticos por serem membros da família linguística austronésia, embora as duas línguas pertençam a grupos tipológicos diferentes, quanto à ordem de palavras básica. Em motu, a sequência básica dos constituintes é **SUJEITO + OBJETO + VERBO**.

Embora seja possível que uma língua pertença a só uma classificação genética, podemos agrupar as línguas em quantos grupos tipológicos quisermos, dependendo da característica linguística particular que seja selecionada para embasar a classificação. Se optarmos para classificar línguas de acordo com a maneira em que expressam a posse inalienável nos sintagmas nominais, encontraremos que o tolai e o motu pertencem ao mesmo grupo tipológico, enquanto o português se comporta de uma maneira totalmente diferente. Tanto em tolai como em motu, existem sufixos pronominais que são acrescentados aos substantivos, enquanto em português, há pronome possessivo separados que precedem os substantivos para expressar o mesmo significado. Estude os seguintes exemplos:

| | |
|-----------------|-----------------|
| <u>tolai</u> | <u>motu</u> |
| /bilau/+/ -gu/ | /idu/+/ -gu/ |
| “nariz” + “meu” | “nariz” + “meu” |

(Neste caso em particular, o tolai e o motu são tipologicamente parecidos porque os dois herdaram uma característica que estava presente na protolíngua pela qual as duas línguas são aparentadas.)

As classificações tipológicas de línguas podem ser baseadas em quaisquer características que pudermos achar úteis ou interessantes utilizar. Algumas características compartilhadas são de pouco interesse geral, enquanto outros traços provocam um interesse muito maior. Na investigação da mudança gramatical, os linguistas se interessam por estudar como as línguas evoluem de um tipo gramatical para outro. Agora, descreverei algumas das tipologias gramaticais mais importantes e você verá como línguas que pertençam em cada um desses grupos tipológicos teriam chegado a ser assim ou como as mesmas poderão mudar quanto à sua estrutura morfológica no futuro.

Observa-se que diversas línguas tendem a mudar de modo independente em maneiras parecidas. Por exemplo, determinados tipos de itens lexicais – especialmente verbos ou itens locucionais – com frequência, se convertem em preposições ou posposições (as quais se refere coletivamente como *adposições*). Tais adposições podem, a seguir, ser atraídas a substantivos para se tornarem [sufixos ou prefixos (coletivamente conhecidos como *afixos*)]. Esses afixos podem sofrer eliminação, o que significa que é preciso desenvolver outras estratégias gramaticais para expressar as funções que eram expressas antigamente pelas formas atualmente perdidas.

É necessário indicar, porém, que mudanças tipológicas como as que acabei de descrever acima não são sempre unidirecionais. Com isso queremos dizer que é possível que uma variedade de tipos de mudança diferentes decorram de um único ponto de partida, como também é possível que algumas dessas mudanças operem na direção inversa. Se a mudança linguística fosse unidirecional, então a linguagem humana – em toda a diversidade tipológica que notamos atualmente – estaria indo inexoravelmente em direção a um único tipo de língua. O que constatamos, na realidade, é que a mistura tipológica nas línguas do mundo está se modificando constantemente, indo em direções bastante diferentes simultaneamente, situação essa que tem gerado a mistura tipológica com que deparamos hoje.

(a) O tipo morfológico

As línguas podem ser classificadas de acordo com seu *tipo morfológico*, ou seja, a maneira em que as principais características da gramática são expressas pela morfologia.

O primeiro tipo de língua que apresentaremos é a língua do *tipo isolante*. Tais línguas são as em que tende a haver só um morfema por palavra, ou seja, existem muito mais *morfemas livres* e poucos *morfemas presos*. Uma língua desse tipo é o hiri motu, falado em Papua Nova Guiné. Se estudar a sentença abaixo, verá que cada palavra expressa só um significado:

| | |
|--|----------------------|
| <i>Lauegu sinana gwrumé ta ia hoia</i> | <i>Koki dekenai.</i> |
| Minha mãe peixe um ela comprou | Koki em. |

“Minha mãe comprou um peixe em Koki”

Um segundo tipo de língua é aquele que é denominado o *tipo aglutinante*. Uma língua aglutinante pode conter muitos morfemas individuais – tanto morfemas livres quanto morfemas presos. No entanto, as divisórias entre os morfemas numa língua aglutinante são evidentes e fáceis de reconhecer. É como se as partes da língua estivessem simplesmente “coladas” uma ao lado da outra para compor palavras maiores. Em tais línguas, cada morfema expressa tipicamente um único significado, enquanto as palavras estão compostas de vários – talvez até muitos – morfemas combinados em sequências. Uma língua como o *sye* (falado na ilha de Erromango em Vanuatu) exhibe construções aglutinantes em sentenças do seguinte tipo:

/ovnevyarep yutwampyoϥhor untoϥ/

| | | | | |
|---------------|------------------|----------|-------------|----------|
| ov + nevyarep | yu + tw | + ampy | + oϥh + or | u + ntoϥ |
| PL. + menino | eles + FUT. NEG. | + querer | + ver + los | em + mar |

“Os meninos não vão querer vê-los no mar.” (“Os meninos não quererão vê-los no mar”.)

A palavra /yutwampyoϥhor/ “eles não vão querer vê-los”, por exemplo, expressa vários significados, alguns dos quais são expressos por prefixos, p. ex., {yu-} “sujeito, 3ª pessoa do plural”, {tw-} “negativo futuro”, {ampy-} “querer”; um significado é expresso por um sufixo {-or} “objeto direto, 3ª pessoa do plural” e um significado é expresso pela raiz lexical {oϥh} “ver”.

Um terceiro tipo de língua é aquele que é chamado do *tipo flexional*. As línguas flexionais são aquelas em que existem muitos morfemas incluídas dentro de uma palavra, mas as divisórias entre um morfema e outro não estão clara. Portanto, em línguas flexionais, há muitos significados por palavra, mas não é possível identificar um processo evidente de “colagem” sequencial de morfemas, tal como é observável nas línguas do tipo aglutinante. Um exemplo de uma língua flexional é o latim. Estude a seguinte sentença:

Marcellus amat Sophiam.

/mar'kel:us/ /'amat/ /so'p^hiam/

| | | | |
|------------------------------|---------------------------------------|-----------------|---------------------------|
| marcell- + -us | am- + -a- | + -t | Sophia- + -m |
| Marcello + MASC. NOM. SG. | amar + 1ª CONJ. PRES. INDIC. ATIV. | +3ª PESS SG. | Sofia + FEM. ACUS. SG. |

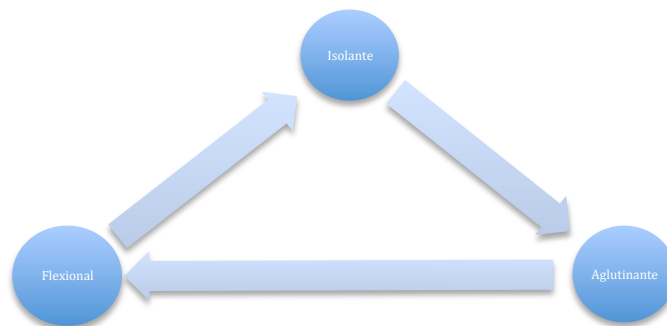
“O Marcelo ama a Sofia”

Cada uma dessas palavras contém diversos significado. Na primeira palavra, é possível identificar a raiz lexical *Marcell-* {mar'kel:-} [que expressa um significado], mas o sufixo *-us* {-us} expressa vários conceitos diferentes. Em primeiro lugar, o sufixo mostra que *Marcelo* está no *caso nominativo*, ou seja, ele é o sujeito do verbo (e não o objeto direto ou indireto) e informa-nos que a

raiz pertence ao *gênero masculino* e que está no *número singular*. Quanto a *Sophiam*, o radical é {sofia-}, que expressa que a raiz pertence ao *gênero feminino*, que é da *primeira declinação* e o sufixo {-m} indica que essa palavra está no *caso acusativo* (é o objeto direto do verbo) e é do *número singular*. Finalmente, o verbo *amat* contém um raiz {am-} que significa “amor” ou “amar”; além disso, a vogal temática {-a-} expressa que essa raiz pertence à *primeira conjugação* e que a ação ocorre no *tempo presente* do *modo indicativo* da *voz ativa*, enquanto o outro sufixo, {-t}, expressa que o sujeito do verbo é da *terceira pessoa* do *número singular* (ou seja, existe concordância de número e pessoa entre o verbo e o substantivo *Marcellus*).

Se qualquer um desses elementos significantes em qualquer uma dessas palavras fosse substituído por outro, então uma forma diferente da palavra teria que ser utilizada. Como o latim é uma língua flexional, é relevante notar que, embora possamos reconhecer o sufixo com a forma de {-us} junto à raiz {mar'kel:-} e o sufixo {-m} no substantivo {so'phia-}, não é possível subdividir esses sufixos em elementos menores que correspondam de forma independente a cada conceito básico [[tal como se poderia numa língua aglutinante]]. Ou seja, não há nenhum morfema individual que corresponda ao significado de “singular”, por exemplo, ou “feminino”, [[repare que /-a/ significa outra coisa no verbo]] ou “sujeito”. O fato de que o sujeito masculino singular indicado por meio do único sufixo {-us} é uma característica típica de línguas flexionais.

Existe uma tendência para as línguas mudarem de forma tipológica conforme uma espécie de ciclo. Línguas isolantes tendem a mudar em direção a estruturas do tipo aglutinante. Línguas aglutinantes tendem a mudar em direção ao tipo flexional e, finalmente, línguas flexionais tendem a se tornar menos flexionadas no decorrer do tempo e mais isolantes. Podemos representar esse ciclo de mudança tipológica pelo diagrama seguinte:



Línguas isolantes se tornam aglutinantes por meio de um processo de *redução fonológica*. Com isso, queremos dizer que os marcadores gramaticais livres podem encolir foneticamente a marcadores presos átonos (ou seja, prefixos ou sufixos). Se estudarmos a língua pidgin melanésia

moderna, por exemplo, (pelo menos na medida em que essa língua é falada, antes da forma escrita), observe-se que várias mudanças gramaticais parecem estar ocorrendo. Primeiro, as preposições que são escritas como se fossem pronunciadas /loŋ/ “em”, “dentro de”, “sobre” e /bloŋ/ “de”, “para”, tendem a ser pronunciadas atualmente como prefixada aos sintagmas nominais seguintes. A forma fonêmica desses morfemas em evolução é:

/lo-/ e /blo-/ antes de consoantes
/l-/ e /bl-/antes de vogais

Desse modo, encontramos que mudanças como as seguintes parecem estar ocorrendo:

| | | |
|--------------|---|--------------|
| aus bloŋ mi | → | aus blo-mi |
| casa de mim | | casa de_mim |
| “minha casa” | | “minha casa” |
| | | |
| loŋ aus | → | l-aus |
| em casa | | em_casa |
| “em casa” | | “em casa” |

Não é só que essas duas preposições estão sendo reduzido fonologicamente dessa maneira, mas também alguns marcadores pré-verbais de tempo e modo. Por exemplo, o marcador do tempo futuro {bai} contraí no prefixo /b-/ quando a palavra seguinte começar com uma vogal em lugar de uma consoante. Compare as seguintes sentenças:

| | | | | | |
|----------------------------|----|----|---------------------------------|----------|----|
| bai | yu | go | b-em | i | go |
| FUT. 2 ^a sg. | ir | | FUT. 3 ^a sg. | PRED. ir | |
| “você irá.”/”você vai ir.” | | | “Ele/ela vai ir”/”ele/ela irá.” | | |

Como já foi dito, línguas que são do tipo aglutinante tendem a mudar em direção ao tipo flexioanl. Isso ocorre por um processo de *fusão morfológica* , em que dois morfemas claramente separados numa palavra podem mudar de tal maneira que a separação entre eles não está mais evidente. Exemplificamos esse processo com o paamês (falado em Vanuatu). O marcador da primeira pessoa singular sujeito foi reconstruído numa fase anterior como *{na-}, e o marcador do sujeito na segunda pessoa do singular foi reconstruído como *{ko-}, e essas são as formas que ainda existem no paamês moderno, por exemplo:

| | |
|-------------|-------------|
| na-lesi-Ø | ko-lesi-nau |
| eu-ver-o | tu-ver-me |
| “eu o vejo” | “tu me vês” |

Outros tempos, como também o negativo, são expressos pelo acréscimo de outros prefixos e sufixos em sequência, por exemplo:

ko- -va- -ro- -lesi- -nau- -tei
 tu + FUT. IMEDIATO + NEG. + ver + me + NEG.
 “Tu não vais me ver”.

O tempo futuro distante também era marcado originalmente da mesma maneira, por um prefixo com a forma *{i-} que seguia o marcador do sujeito, ou seja, na mesma posição que ocupa o prefixo {va-} no exemplo acima. Porém, o marcador do futuro distante *{i-} fusionou morfológicamente com o prefixo do sujeito que o precedia. Conseqüentemente, o que tinha sido originalmente *{na-} seguido por *{i-}, virou {ni-}, e o que tinha sido originalmente *{ko-} mais *{i-} passou a ser {ki-}:

| | | |
|----------------------|---|-------------------|
| *na-i-lesi-Ø | | ni-lesi-Ø |
| eu + FUT. + ver + o | → | eu_FUT + ver + o |
| “Eu vou vê-lo” | | “Eu vou vê-lo” |
| | | |
| *ko-i-lesi-nau | | ki-lesi-nau |
| tu + FUT. + ver + me | → | tu_FUT + ver + me |
| “Tu vais me ver” | | “Tu vais me ver” |

No paamês moderno, não é mais possível separar os prefixos {ni-} e {ki-} num marcador do sujeito e um marcador do tempo futuro, porque /n-/ e /k-/ não ocorrem em nenhum outro lugar na língua como morfemas reconhecíveis e não existe mais nenhum morfema {i-} como marcador do tempo futuro. Somos obrigados, portanto, a considerar esses dois prefixos do paamês moderno como expressando dois significados simultaneamente. Tais morfemas são conhecidos como *morfemas portmanteau*. Essa situação surgiu como o resultado da fusão de dois morfemas originalmente independentes numa única forma morfológica. Quando esse tipo de mudança afetar a gramática de uma língua de uma forma importante, então, pode-se sustentar que a língua se transformou do tipo aglutinante para o tipo flexional.

Finalmente, línguas do tipo flexional tendem a mudar para o tipo isolante; esse processo é denominado a *redução morfológica*. É muito comum os morfemas flexionais se tornarem cada vez mais reduzidos, até, às vezes, eles desaparecem por completo. As formas que restam, após o sumiço total de morfemas flexionais, consistem em morfemas simples. As funções que eram expressas originalmente pelos afixos flexionais por conseguinte passam a ser expressas pela ordem de palavras ou por morfemas livres. Como indicamos anteriormente, o latim era uma língua flexional. Conseqüentemente, tantas ideias eram abrangidas numa única palavra que não havia nenhuma razão

para manter a ordem de palavras rigidamente fixa. As palavras, em teoria, podiam aparecer em qualquer sequência porque quem realizasse a ação e quem sofresse os efeitos dela eram sempre marcados pelos sufixos que presentes nos próprios sintagmas nominais. Deste modo, o significado da sentença latina que apresentamos antes poderia ter sido expresso em qualquer das seguintes maneiras:

Marcellus amat Sophiam.
Sophiam amat Marcellus.
Sophiam Marcellus amat.
Amat Sophiam Marcellus.

Para indicar que os papéis foram trocados na situação (ou seja, que é a Sofia que está afim do Marcelo), teríamos que mudar a marcação nos substantivos, mas a ordem dos constituintes continuaria igualmente flexível. Indicaríamos que é a Sofia que ama o Marcelo com a seguinte sentença:

Sophia-Ø Marcell-um amat.
 Sofia_SUJ. Marcelo_OBJ. DIR. ama

“Sofia ama Marcelo.”

Entretanto, qualquer das ordens seguintes serviriam para expressar o mesmo significado nesta língua flexional:

Marcellum amat Sophia.
Sophiam amat Marcellum.
Amat Sophia Marcellum.

O latim evoluiu para o italiano moderno e durante o percurso perdeu grande parte das suas inflexões originais, movendo-se, portanto, em direção ao tipo isolante. Os substantivos em italiano não são mais marcados por sufixos que indicam se são o sujeito ou o objeto e não mudam de forma como faziam em latim. No italiano moderno, a única maneira de expressar que o Marcelo ama a Sofia é esta:

Marcello ama Sofia.

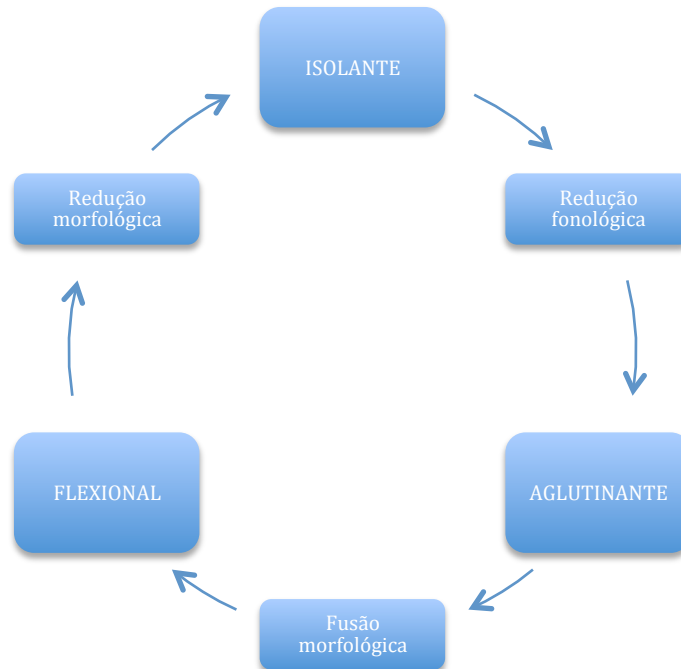
Diferentemente do latim em que estaríamos livres para trocar a ordem dessas palavras sem afetar o significado seriamente, o mesmo não é mais possível em italiano, porque os substantivos perderam seus sufixos que marcavam o sujeito e o objeto. Se mudarmos a sentença italiana que acabamos de apresentar-lhes para a sentença seguinte, mudaremos também o significado:

Sofia ama Marcello.
 Sofia ama Marcello

“Sofia ama Marcello.”

No italiano moderno, é só a ordem das palavras que marca a diferença entre o sujeito e o objeto de uma verbo, diferente de anteriormente, quando era a presença de um sufixo flexional no substantivo.

Este ciclo tipológico, e os processos envolvidos na transformação de um tipo para outro, pode ser resumido no diagrama seguinte:



Existe, na realidade, um quarto tipo de língua: as que exibem uma morfologia *polissintética*. Tais línguas representam variantes extremas de línguas aglutinantes em que uma única palavra corresponde às estruturas que em outras línguas são expressas por orações inteiras. Portanto, uma única palavra pode incluir sujeitos e objetos nominais e, possivelmente, informação adverbial e, até argumentos nominais não centrais na oração, tais como objetos diretos e sintagmas nominais espaciais. O exemplo seguinte da língua yimas do Papua Nova Guiné, exemplifica uma estrutura polissintética:

| | |
|--|--------|
| na + ŋa + mpa + na + ŋkan + mpan + ra | amtra |
| PL. + dar + agora + IMPER. + poucos + eles | comida |

“Vocês poucos dêem-lhes comida agora!”

As línguas polissintéticas podem desenvolver-se de línguas mais *analíticas*, ou seja, línguas não polissintéticas, por um processo de *incorporação de argumentos*. Em inglês, encontramos evidência desse tipo de construção na forma de objetos incorporados, tais como as seguintes:

Professor Hawne took up pipe smoking to make himself look pompous
 “O catedrático Hawne adotou o hábito de fumar cachimbo para aparecer pomposo.

No exemplo, é possível antepor um objeto genérico como *pipe* “cachimbo” a um verbo transitivo como *smoke* “fumar”, em lugar de colocá-lo em sua posição usual depois do verbo. Na verdade, é até possível incorporar sintagmas nominais de espaço da mesma maneira, como exemplificamos abaixo:

He just sat there star gazing.
 “Ele simplesmente ficou sentado lá, olhando as estrelas.”

Como *gaze* é um verbo intransitivo em inglês, essa sentença pode ser derivada apenas da sentença seguinte, em que o substantivo incorporado, *stars* (“estrelas”), aparece num sintagma preposicional:

He just sat there and gazed at the stars.
 “Ele simplesmente ficou sentado lá, olhando as estrelas.”
 [Note como é difícil traduzir a diferença estrutural entre as duas sentenças inglesas para o português com um verbo igualmente intransitivo.]

É possível que tais padrões de incorporação se estabeleçam como o modelo normal numa língua e que tais construções substituam expressões anteriores em que existissem argumentos nominais livres e outros tipos de argumento numa oração.

(b) Línguas acusativas e línguas ergativas

As línguas do mundo podem ser agrupadas de forma tipológica conforme a maneira pela qual os sintagmas nominais sujeito e objeto das sentenças são marcados. Em línguas como português, inglês e alemão, fala-se do *sujeito* de um verbo e seu *objeto*. Nessas línguas, o sujeito é aquele substantivo que apareça antes do verbo [[na ordem canônica de uma oração principal simples]] e com o que o verbo concorde quanto à pessoa e número [[por exemplo, {-s} para a terceira pessoa do singular do presente do indicativo em inglês ou, em português, {-Ø} ou {-t} em alemão para a mesma pessoa e tempo. Nessas línguas, o objeto direto é o sintagma nominal que siga o verbo (quando a ordem de constituintes for neutra). Desse modo, constatamos sentenças do seguinte tipo:

| | | |
|----------------------------|-----------------------|-----------------------------------|
| <i>The Vice-Chancellor</i> | <i>is praising</i> | <i>the students.</i> |
| <i>O Reitor</i> | <i>está elogiando</i> | <i>os estudantes.</i> |
| <i>Der Rektor</i> | <i>belobigt</i> | <i>die Estudanten.</i> |

| SUJEITO (sing.) | VERBO (sing.) | OBJETO |
|-----------------------------|------------------------|-----------------------|
| <i>The Vice-Chancellors</i> | <i>are praising</i> | <i>the students.</i> |
| <i>Os reitores</i> | <i>estão elogiando</i> | <i>os estudantes.</i> |
| <i>Die Rektoren</i> | <i>belobigen</i> | <i>die Studenten.</i> |
| SUJEITO (plural) | VERBO (plural) | OBJETO |

Existem outras línguas que são diferentes dessas quanto à maneira de marcar os sintagmas nominais de sujeito e objeto. Estude as seguintes sentenças na língua bandjalang do norte do estado australiano de New South Wales:

/mali-ju bajgal-u mala ɖa:ɖam buma-ni/
 o homem a criança bater-passado.
 “O homem bateu na criança.”

/mala bajgal gaware-:la/
 o homem correr-presente.
 “O homem corre.”

/mali-ju ɖa:ɖam-bu mala bajgal ɲa:-ni/
 a criança o homem ver-passado
 “A criança viu o homem.”

Você terá reparado, provavelmente, que o substantivo /bajgal/ “homem” aparece em duas formas diferentes, ora /bajgalu/ (com o sufixo /-u/), ora simplesmente /bajgal/ (sem sufixo). A forma da palavra que precede /bajgal/ ~ /bajgal-u/ também varia. Quando a palavra para “homem” exibe o sufixo /-u/, a palavra anterior é /mali-ju/, mas, quando “homem” não apresenta nenhum sufixo, a palavra que antecede é /mala/. Se estudar as sentenças atentamente, ver-se-á que o sintagma nominal assume a forma /maliju bajgalu/ quando é o sujeito do verbo transitivo /buma-/ “bater (em)”, mas quando o mesmo sintagma nominal é o sujeito do verbo intransitivo /gaware-/ “correr”, ele não exibe nenhum sufixo, sendo /mala bajgal/. Também ter-se-á observado que, quando esse sintagma nominal “homem” adota o papel de objeto do verbo transitivo /ɲa:-/ “ver”, é a variante sem sufixo que aparece, ou seja, /mala bajgal/. O sintagma nominal que se refere à criança se comporta de modo idêntico. Quando “a criança” é o objeto do verbo /buma-/ “bater em”, o objeto não exibe nenhum sufixo como /mala ɖa:ɖam/ “a criança”, mas quando “a criança” funciona como o sujeito do verbo transitivo /ɲa:-/ “ver”, os sufixos estão presentes, ou seja, /maliju ɖa:ɖambu/. As formas do sufixo nas palavras /bajgal/ “homem” e /ɖa:ɖam/ “criança” estão diferentes, mas as variantes são alomorfes fonologicamente determinados do mesmo morfema.

Se as estruturas das sentenças em português e o bandjalang forem comparadas, depreender-se-á que três funções gramaticais são expressas nas duas línguas, porém, em maneiras diferentes.

Em português, há:

Sujeito de verbo intransitivo
Sujeito de verbo transitivo

que são marcados pela mesma maneira e que são distinguidos de:

Objeto de verbo transitivo

Em bandjalang, entretanto, observe-se:

Sujeito de verbo intransitivo
Objeto de verbo transitivo

que são marcados da mesma maneira, enquanto essas duas funções são diferenciadas de:

Sujeito de verbo transitivo.

Em uma língua como o português, as funções de sujeito de verbo transitivo e intransitivo são denominadas coletivamente os *sintagmas nominais nominativos*, enquanto o objeto de um verbo transitivo é designado o *sintagma nominal acusativo*. Em línguas como o bandjalang, os sujeitos de verbos transitivos são chamados *sintagmas nominais ergativos*, enquanto os sujeitos de verbos intransitivos e os objetos de verbos transitivos recebem coletivamente o rótulo de *sintagmas nominais absolutivos*.

As línguas do mundo se agrupam em um dessas dois tipos de categoria tipológica, embora o tipo representado pelo português esteja distribuída de forma muito mais ampla do que o tipo representado pelo bandjalang. (Note que também é possível que uma língua seja estruturalmente intermediária entre essas dois modelos[[, exibindo marcação do tipo nominativo/acusativo em algumas estruturas e a marcação do tipo ergativo/absolutivo noutras]]). Com línguas de tipos tão diferentes, não é possível utilizar a palavra “sujeito” para todas as línguas do mundo porque o termo terá que significar algo diferente, dependendo de qual dos dois tipo de língua esteja sob investigação. Para esclarecer a qual sistema se está referindo, é preciso distinguir entre dois tipos básicos de línguas: *línguas nominativo-acusativas* (como o português e o inglês) e *línguas ergativo-absolutivas* (como o bandjalang e o basco). Com frequência, os linguistas abreviam esses nomes e, portanto podemos dizer que português é uma língua *acusativa* e o bandjalang é uma língua *ergativa*.

Da mesma maneira em que uma língua pode mudar seu tipo morfológico básico com o passar do tempo, também é possível que uma língua acusativa evolua em uma língua ergativa e que uma língua ergativa se torne acusativa. A maioria das línguas australianas são como o bandjalang,

na medida que tendem a ser ergativas, antes de acusativas. Alguns linguistas defendem que as línguas australianas eram originalmente acusativas e elas mudaram para o tipo ergativo. Nesse caso, a língua original teria contido construções como estas (em que as raízes e os afixos são em grande medida hipotéticos, como os dois asteriscos indicam):

**wati-Ø jina-ŋu
 homem-NOMINATIVO sentar-PRETÉRITO
 “O homem estava sentado”

**wati-Ø jipi-ku paka-ŋu juku-ŋku
 homem-NOM. mulher-ACUS. cobrir-PRET. cobertor-com
 “O homem cobriu a mulher com um cobertor”

Essas sentenças são claramente do tipo acusativo. Tal como em português ou em inglês, sustenta-se que essa língua ancestral hipotética possuía uma construção passiva, que poderia ser marcada pelo acréscimo do sufixo /-li/ ao verbo. Na construção passiva, o constituinte que era originalmente o sintagma nominal nominativo era marcado pelo sufixo do caso instrumental, que corresponde ao sintagma com *por* numa sentença passiva portuguesa:

**jipi-Ø wati-ŋku paka-li-ŋu juku-ŋku
 mulher-NOM. homem-INSTR. cobrir-PASS.-PRET. cobertor-INSTR.
 “A mulher foi coberto com um cobertor pelo homem.”

Se você comparar essa sentença passiva hipotética com a sentença abaixo em que se refere a um cobertor como um instrumento, ver-se-á que o sufixo instrumental e o sufixo ergativo são idênticos, com a mesma forma fonológica /-ŋku/. Sustenta-se, a seguir, que a construção que expressava a voz passiva acabou substituindo a forma das sentenças ativas e que as sentenças na forma ativa simplesmente deixaram de existir como uma parte da gramática. O último exemplo, por conseguinte, teria passado a ser a maneira normal de expressar o significado “O homem cobriu a mulher.”. Desta maneira, quem realizasse a ação (ou seja, o sujeito transitivo) seria marcado sempre de uma forma diferente do sujeito intransitivo e do objeto transitivo. (Note-se, contudo, que essa hipótese não é aceita atualmente pela maioria de linguistas especializados no estudo de línguas australianas e são poucos os linguistas que aceitariam tal teoria hoje como uma explicação bem-fundamentada do surgimento da ergatividade no caso dessas línguas. Porém, o exemplo apresenta, de fato, uma maneira pela qual uma língua com um sistema de marcação acusativa poderia mudar para um tipo de marcação ergativa.)

Obviamente, as línguas ergativas também podem mudar para se tornarem acusativas. Tal como as línguas acusativas costumam ter construções passivas, é frequente línguas ergativas

apresentarem construções para uma *voz antipassiva*. Numa sentença antipassiva, um verbo transitivo com um sujeito ergativo recebe alguma marcação estrutural e sofre de-transitivização, em que o sujeito original recebe a marcação típica do caso absolutivo dos sujeitos intransitivos e os objetos diretos. Simultaneamente, o objeto absolutivo original recebe algum outro marcador. Se a função antipassiva original ficasse vaga ou confusa até se tornar ambígua de alguma maneira – talvez pela redução fonológica ou pela eliminação – conseqüentemente, o que sobrasse do processo seria um sistema de marcação acusativa.

Podemos tomar as mesmas formas que foram apresentadas acima e iniciar o processo de mudança com um modelo de marcação original ergativa, em lugar de um sistema acusativo, como exemplificamos abaixo:

*wati-ŋku jipi-Ø paka-ŋu
 homem-ERG. mulher-ABS. cobrir-PRET.
 “O homem cobriu a mulher.”

Agora, imaginemos que tenham existido um sufixo verbal antipassivo original com forma */-li/ e um sufixo dativo original com a forma */-ku/, que chega a marcar o objeto de uma verbo transitivo que tenha sido antipassivizado também. Após esse processo, teríamos sentenças como a seguinte:

*wati-Ø jipi-ku paka-li-ŋu
 homem-ABS mulher-DAT. cobrir-ANTIPASS.-PRET.
 “O homem cobriu a mulher.”

Se o sufixo */-li/ fosse reanalisado de alguma maneira de modo a ser incorporado ao verbo – talvez como um marcador geral de qualquer verbo intransitivo – o resultado seria um padrão de marcação verdadeiramente acusativa, como exemplificamos abaixo:

*wati-Ø jiki-ku paka-li-ŋu
 homem-NOM. mulher-ACU. cobrir-INTR.-PRET.
 “O homem cobriu a mulher.”

*wati-Ø ŋina-li-ŋu
 homem-NOM. sentar-INTR.-PRET.
 “O homem se sentou.”

(c) Ordem dos constituintes básicos

Quando se fala da *ordem dos constituintes básicos* de uma sentença, trata-se da ordem relativa dentro de uma oração dos três componentes principais, ou seja, o verbo e os sintagmas nominais que estão associados com o verbo de forma mais direta, sendo esses os sintagmas nominais de sujeito e objeto. As línguas do mundo podem ser categorizadas de forma tipológica conforme a

maneira em que esses três constituintes principais da sentença sejam ordenadas. Muitas línguas exibem a ordem *sujeito + verbo + objeto (SVO)* – o português é uma língua que pertence a esse grupo. Outra ordem muito comum é *sujeito + objeto + verbo (SOV)* – o japonês é uma língua desse tipo. A única outra ordem de constituintes que ocorre com frequência é *verbo + sujeito + objeto (VSO)* – as línguas celtas são parte desse conjunto. (Logicamente, existem três outras possibilidades quanto a ordem de constituintes numa sentença, ou seja, *OVS*, *OSV* e *VOS*. Contudo, Essas ordens são muito menos frequentes do que as demais entre as línguas do mundo.)

Muitas línguas austronésias do Pacífico – tal como o português, que já mencionei – são línguas do tipo SVO. A língua tolai de Nova Britânia em Papua Novo Guiné desse tipo, como exemplificamos com a seguinte sentença:

A pap i gire tikana tutana.
 O cachorro ele ver um homem
 SUJEITO VERBO OBJETO
 “O cachorro viu um homem.”

As línguas austronésias em Central Province e Milne Bay Province de Papua Novo Guiné, porém, são geralmente do tipo SOV. Por exemplo, a mesma sentença em motu é expressa da seguinte maneira:

Sisia ese tau ta e-ita-ia.
 Cachorro SUJEITO homem um ele-ver-o
 SUJEITO OBJETO VERBO
 “O cachorro viu um homem.”

As línguas austronésias de Central Province e de Milne Bay Province parecem ter mudado sua ordem de palavras da sequência anterior de SVO para a ordem SOV que apresentam atualmente. Alguns estudiosos defendem que essa mudança ocorreu quando a língua ancestral da qual o motu e seus parentes mais próximos descendem entrou em contato com as línguas não austronésias da área, já que todas essas línguas não austronésias são todas do tipo SOV. Por exemplo, em koita, língua não austronésia, que é falada pelo grupo vizinho dos motu, a mesma sentença que apresentamos em tolai e em motu é expressa da seguinte maneira:

Tora ata be eraya-mu.
 Cachorro homem um viu-o
 “O cachorro viu um homem.”

O contato entre as línguas não é a única maneira possível para explicar uma mudança na ordem básica das palavras, porque está evidente que línguas sofram esse tipo de mudança sem que

haja nenhuma evidência de contato linguístico. Muitas línguas que exibem um tipo de ordem de constituintes básica com frequência admitem padrões concorrentes em certos contextos estruturais. O alemão, por exemplo, exibe a ordem SVO em orações principais, como exemplificamos com a seguinte sentença:

Der Mann sah den Hund.
 O-NOM., SG., MASC. homem ver-PRET. o-ACUS., SG., MASC. cachorro
 “O homem viu o cachorro.”

Em orações subordinadas, entretanto, o alemão exibe a ordem SOV [NB essa ordem depende da presença de certas conjunções e na variedade padrão.], tal como demonstra o seguinte exemplo:

Ich glaube dass der Mann den Hund sah.
 Eu acredito que o homem o cachorro viu.
 “Acredito que o homem viu o cachorro.”

Quando duas construções entrarem numa concorrência desse tipo, é possível que um dos dois modelos seja generalizado a outros contextos e que a tipologia da língua mude. (Conste, porém, que não estou propondo que o alemão esteja mudando de uma ordem constituinte do tipo SVO para a ordem SOV [de fato, as evidências entre as variedades germânicas apontam para a situação oposta em que qualquer mudança que esteja ocorrendo nesse respeito está em direção de SOV para SVO].)

Outras línguas permitem ordens de constituintes diferentes como uma maneira de expressar contrastes puramente estilísticas em determinados ambientes contextuais. Por exemplo, numa língua SVO, pode ser possível focar a atenção no objeto deslocando esse sintagma nominal para o início ou destacar o sujeito movendo-o para o final da sentença. Embora o português seja uma língua SVO, às vezes, encontramos ordens SOV em sentenças como a seguinte:

Eu gosto bastante do Henrique, mas, o João, eu não aguento.

Igualmente, embora o francês seja uma língua SVO, deparamo-nos também com construções como a seguinte na linguagem coloquial que parecem exibir uma ordem VOS:

Il aime bien sa petite fille le vieux mec.
 Ele ama bastante sua pequena filha o velho cara.
 “O cara velho ama sua filha pequena mesmo.”

Novamente, se construções como essas variantes originalmente meramente estilísticas acabarem predominando e substituindo as ordem atualmente mais frequentes, então uma mudança na tipologia da ordem de constituintes terá ocorrido.

(d) Cadeias de verbos

Embora existam muitos fenômenos gramaticais que possamos considerar quando estamos estabelecendo tipologia linguística, o último exemplo de mudança tipológica que estudaremos neste capítulo é o surgimento em algumas línguas de uma estrutura que é denominada *verbos em série* ou *verbos em cadeia*. Em algumas línguas, observe-se que sequências longas de verbos podem ser colocadas juntas, às vezes, dentro de uma palavra fonológica, com só um sujeito e um único objeto. De modo a exemplificar esse fenômeno, apresentamos uma sentença na língua alambalak da região East Sepik em Papua Nova Guiné:

Wifërt fir gëngimë-t-a.
 vento sopra frio-PRET.-3ª sg. suj.-1ª sg. obj.
 “Ventou em mim de tal maneira que eu fiquei com frio” (lit., ventou até esfriar-me)

Outro exemplo foi tirado a língua paamês do Vanuatu (que é uma língua austronésia):

Keik ko-ro: vul a.i.
 PRO.2ª sg. 2ª sg-sentar quebrar tábua.
 “Você se sentou na tábua, quebrando-a”,
 “Você se sentou na tábua e, por isso, ela se quebrou.”
 “Você se sentou na tábua de tal maneira que ela se quebrou.”

Às vezes, línguas que apresentam verbos em série admitem três (o até mais) verbos ficarem em cadeia numa construção só desse tipo. Por exemplo, na língua yimas, que é uma vizinha próxima à língua alambalak, depreendem-se casos complexos de cadeias de orações, tal como os seguintes:

*“Ventou-esfriou-me.”
 *“Você se-sentou-quebrou a tábua.”
 *”Eles tentaram-assustar-ele-veio o.”

Construções com verbos em série desse tipo são comuns nas línguas do leste e sudeste asiático e na África Ocidental, como também nas línguas não austronésias da Melanésia. Também existem evidências de construções de verbos em séries em algumas línguas oceânicas e em diversas línguas australianas.

Nas línguas que exibem esses tipos de construção, é possível, muitas vezes, demonstrar que essas cadeias de verbos originam em construções mais simples nas quais cada verbo tinha seu próprio conjunto de sintagmas nominais sujeito e objeto. Por exemplo, a estrutura complexa da língua alambalak que acabou de ver poderia ser derivada das sentenças simples alambalak do seguinte tipo:

“Ventou em mim.”, “O ventou soprou em mim.”
 “Eu fiquei com frio.”

As línguas que desenvolvem verbos em série desse tipo são geralmente (mas não sempre) línguas SOV. Isso não deve surpreender, porque essa ordem possibilita a prática de os falantes expressarem o sujeito e o objeto uma vez no início da sentença e, a seguir, colocar os verbos sequencialmente um atrás do outro depois dos sintagmas nominais. É um passo relativamente pequeno deixar que os verbos em cadeia se fundam em uma unidade gramatical só, ou até uma única palavra.

7.2. Gramaticalização

As palavras nas línguas podem ser agrupadas em duas categorias gerais: *palavras lexicais* e *palavras gramaticais*. As palavras lexicais são as que contêm significados definíveis próprios quando aparecerem independentemente de qualquer contexto: *elefante, trombeta, grande*. As palavras gramaticais, por outro lado, expressam significado apenas quando ocorrerem em conjunto com outras palavras e relacionam essas outras palavras entre si para constituir uma sentença gramatical. Tais palavras em português incluem artigos definidos e indefinidos (*o(s)/a(s); um/uns/uma(s)*), demonstrativos (*este(s), esse(s), aquele(s)*), preposições (*em, a, para, de, desde*), possessivos (*meu/minha, teu/tua, seu/sua*). As palavras atuam como o cimento num muro; os itens lexicais parecem mais aos tijolos.

Se um determinado significado for expresso por uma palavra gramatical em vez de por uma palavra lexical, a forma estará necessariamente presente. Por exemplo, na sentença:

Eu vou vir mais tarde. I will come later.

A noção do tempo futuro está expressa duas vezes – uma vez nos verbos auxiliares *vou* e *will* – e, novamente, pelos advérbios *mais tarde* e *later*. Desses elementos, *vou* e *will* são gramaticais e *mais tarde* e *later* são lexicais. Em inglês, o marcador do tempo futuro não pode ser omitido, embora seja possível não incluir o advérbio temporal:

**I come later. I will come.*

Em português, o significado de *eu vou vir mais tarde* não é exatamente igual a significado da sentença *eu venho mais tarde*, sendo que a primeira sentença enfatiza a natureza futura da vinda, semelhante a *eu vou vir/I will come*, porém, sem a especificação de quando isso será, enquanto a segunda sentença, embora gramatical, expressa uma vinda genericamente posterior a outro evento ou durante o mesmo período de tempo.

Em qualquer língua, as palavras podem mudar e, de fato, frequentemente mudam de categoria, de lexical para gramatical. Esse processo é conhecido como a **gramaticalização**. Em inglês e em português, um exemplo claro de que a gramaticalização está em andamento na língua é essas duas sentenças:

I am going to cut a piece of chocolate cake.
Vou cortar uma fatia do bolo de chocolate.
I am going to the supermarket.
Vou para o supermercado.

Embora essas quatro sentenças contenham os equivalentes respectivos do verbo *ir/to go* ou estatuto desses verbos não é o mesmo nos dois pares de sentenças. Isso fica evidente no caso do inglês pelo fato de que só a primeira permite a redução fonológica de *going to* ['gəʊ̯ɪŋ+təw] para *gonna* [gənə]. Desse modo:

I'm gonna cut a piece of chocolate cake.
 ***I'm gonna the supermarket.*

No primeiro exemplo, fica evidente que o significado de *going to/gonna* é diferente do significado no segundo exemplo. em vez de expressar o significado puramente lexical do verbo intransitivo *to go* (“ir”), essa sequência na primeira sentença expressa um tipo de tempo futuro intencional. Nesse caso, portanto, dizemos que *going to* foi gramaticalizado e que a língua inglesa adquiriu um novo tipo de auxiliar, junto com os demais auxiliares como *can*, *will* e *might*, e com outros constituintes recém-gramaticalizados que aparecem ser auxiliares, tais como ['ɔtə] < *ought to*, [wɒnə] < *want to* e [(h)æftə] < *have to*.

A gramaticalização pode afetar palavras lexicais em diversas maneiras, embora exista uma tendência para as formas ficarem ligadas cada vez mais estreitamente a alguma forma lexical na sentença, conforme o processo avance. A mudança de palavra lexical para palavra gramatical é apenas o primeiro passo no processo de gramaticalização em que a próxima etapa é a **morfologização**, ou seja, o desenvolvimento de uma forma presa a partir do que era originalmente uma forma livre.

Na realidade, a morfologização pode envolver graus de fusão entre as formas presas e as demais formas, porque é possível distinguir entre **clíticos** e **afixos**. Um clítico é uma forma presa que é analisada como estando adjunta a um sintagma inteiro em vez de fazer parte de uma palavra só. Um afixo, entretanto, é colado diretamente a uma palavra, como um **prefixo** ou **sufixo**, ou, com menos frequência, como um **infixo** ou um **circunfixo**.

Na língua sye, falada em Erromango em Vanuatu, a forma livre /im/ “e” (conjunção coordenativa) está se desenvolvendo em um clítico com a realização /m-/ que se unta a qualquer elemento que ocupe o início do segundo elemento de dois sintagmas coordenados. É possível enunciar qualquer uma das duas formas seguintes nessa língua, em que /im/ aparece como um morfema livre:

| | |
|---------------------------|--------------------------|
| <i>netor im nevyarep.</i> | <i>netor m-nevyarep.</i> |
| Netor e menino | Netor e-menino |
| “O Netor e o menino.” | “O Netor e o menino.” |

No entanto, quando algum outro constituinte intervier entre o coordenador e o segundo substantivo, o coordenador é colocado em o que for o primeiro constituinte do segundo sintagma nominal.

| | |
|--------------------------------|-------------------------------|
| <i>Netor im ovon nevyarep.</i> | <i>Netor m-ovon nevyarep.</i> |
| Netor e PL. menino | Netor e-PL. menino |
| “O Netor e os meninos.” | “O Netor e os meninos.” |

A morfologização pode progredir mais um grau com as formas lexicais (ou os clíticos) se tornando afixos genuínos ao nível da palavra. Há muitas línguas em que afixos locativos nos substantivos começaram como preposições ou posposições e, ainda antes disso, eram itens lexicais normais com algum tipo de significado locativo. Na apresentação da morfologização, é impossível não se referir à discussão anterior da mudança morfológica em que as línguas isolantes tendem a ir em direção às estruturas aglutinantes, enquanto línguas aglutinantes tendem a evoluir para estruturas de tipo flexional. Esses tipos de mudanças evidenciam o envolvimento de modelos de crescente gramaticalização (e, concomitantemente, de maior deslexicalização).

Obviamente, itens lexicais podem gramaticalizar-se em vários graus e maneiras distintos em línguas diferentes. Apesar dos diversos resultados finais possíveis, o processo exibe uma tendência fortemente unidirecional na medida em que itens lexicais se tornam gramaticais geralmente, mas itens gramaticais não apresentam a tendência inversa de se converter em itens lexicais. De modo a exemplificar como a gramaticalização pode progredir por um contínuo desde um item plenamente lexical até um afixo totalmente gramaticalizado, consideremos alguns desenvolvimentos que afetaram certos verbos nas línguas oceânicas.

Na língua paamês de Vanuatu, existem dois verbos com a forma /kur/ “tomar” e /vul/ “quebrar”:

| | | | | | |
|-------------------|------------------|------|---------------------|--------------------|------|
| /inau | na-kur | a:i/ | /inau | na-vul | a:i/ |
| PRO.1ª sg. | 1ª sg.-tomou pau | | PRO.1ª sg. | 1ª sg.-quebrou pau | |
| “Eu tomei o pau.” | | | “Eu quebrei o pau.” | | |

Em paamês, o verbo /vul/ “quebrar” pode aparecer em uma construção de verbos em série em que os dois verbos preservem seu estatuto lexical. Por exemplo:

/inau na-kur vul a:i/
 PRO.1ª sg. 1ª sg.-tomei quebrei pau
 “Eu tomei o pau, quebrando-o”, “eu tomei o pau de tal modo a quebrá-lo.”

Contudo, em línguas às quais o paamês é parente, a forma que originalmente ocupava o segundo lugar nesse tipo de construção de verbos em série não é mais um verbo independente. Existe tipicamente um conjunto restrito de formas em tais línguas que podem funcionar dessa maneira, de modo que o que era originalmente um verbo lexical foi gramaticalização até se tornar alguma espécie de modificador pós-verbal. Estude o seguinte exemplo da língua numbami, de Papua Nova Guiné:

/i-tala ai tomu/
 3ª sg.-talhou árvore quebrou
 “Ele talhou a árvore de modo a quebrá-la.”

Neste caso, a forma /tomu/ “quebrar(-se)” não pode ser utilizado como um verbo independente. Portanto, é impossível dizer em numbami:

*/i-tomu ai/
 3ª sg.-quebrou árvore
 “Ele quebrou a árvore”

Outras línguas podem sofrer gramaticalizações subsequentes em que formas que se comportem como /tomu/ em numbami terminam como afixos verbais que expressam significados que ainda estão claramente relacionados com os significados dos verbos das quais foram derivados. Em alguns casos, um item pré-verbal que seja gramaticalizado pode tornar-se um tipo de prefixo verbal classificatório que é juntado a uma categoria semântica de verbos. Por exemplo, todos os verbos que envolvem algum tipo de ação com os dedos, tais como “beliscar”, “arrancar”, “apertar”, etc., podem ser marcados por um prefixo que seja derivado de um verbo original que talvez tenha significado originalmente algo como “beliscar”. Na língua manam de Papua Nova Guiné, tal evolução de fato ocorreu, de modo que encontramos o verbo /sereʔ/ “quebrar” que coexiste com a forma /ʔin-sereʔ/ “quebrar com os dedos”, O verbo /sereʔ/ está livre, portanto, para aparecer com outros prefixos classificatórios, tal como /tara-/ “cortar em fatias/pedaços”, que dá /tara-sereʔ/ “quebrar fatiando/despedaçando”.

Dado que a gramaticalização é um processo diacrônico, é possível que as descrições sincrônicas de línguas representem situações em que a gramaticalização está apenas parcial. Em tais

casos, a distinção que estabelecemos no início desta seção entre os itens gramaticais e lexicais pode parecer um tanto arbitrária. Em lugar de uma divisão clara entre essas duas categorias de palavra, haverá um contínuo entre dois extremos.

Por exemplo, a construção de verbos em série do paamês que foi apresentado acima já está avançando em direção à gramaticalização com certos verbos. Primeiro, a grande maioria dos verbos em paamês não pode aparecer na segunda posição estrutural em tais construções. Embora haja alguns verbos que podem ocupar tanto o primeiro quanto o segundo lugar na sequência, existem outros verbos que não podem aparecer nunca como verbos independentes. Tais formas já sofreram, portanto, a restrição funcional a modificadores pós-verbais. Assim, a forma /vini:/ “matar” – que é derivado de um verbo pleno anterior com o mesmo significado – pode ocorrer atualmente apenas como um verbo serializado e nunca como um verbo lexical independente. Desse modo:

/inau na-sal vini: vuas/
 PRO.1ª sg. 1ª sg.-lanceei matou porco
 “Eu lanceei o porco, matando-o.”

*/inau na-vini: vuas/
 PRO.1ª sg. 1ª sg.-matou porco
 “eu matei o porco.”

A gramaticalização tende a ser um processo unidirecional, em que as formas atravessam um contínuo pelo qual o grau de gramaticalização cresce:

palavra lexical → palavra gramatical/funcional → clítico → afixo aglutinado →
 afixo *portmanteau*.

Apesar da gramaticalização ser um processo razoavelmente comum, o inverso – a **desgramaticalização** ou **lexicalização** – foi atestado, embora seja muito menos frequente. Existem alguns exemplos, entretanto, a que se pode atribuir esse tipo de mudança. Por exemplo, um item gramatical como o sufixo *-búrguer* em palavras como *hambúrguer*, *cheesebúrguer*, *X-búrguer* já se tornou um substantivo genuíno em inglês (e talvez em português também), porque hoje em dia é possível pedir simplesmente um *búrguer*. As formas *pró* e *anti* eram originalmente meros prefixos em palavras como *pró-democrático* ou *anticastrista*. Porém, atualmente, em inglês, é possível usar esses termos como adjetivos lexicais:

Are you pro or anti?
She is more anti than I am.

7.3. Os mecanismos da mudança gramatical

Em todas as mudanças gramaticais que tem sido apresentadas acima, existem três fatores gerais que parecem estar envolvidos de alguma maneira ou de outra na mudança gramatical, onde quer que ocorra. Esses fatores são a *reanálise*, a *analogia* e a *difusão*. Na seção abaixo, tratarei de cada um desses mecanismos.

(a) Reanálise

Na mudança gramatical, a reanálise se refere ao processo pelo qual uma forma chega a ser tratada de uma maneira diferente quanto a sua função gramatical do que a mesma era concebida pelos falantes da protolíngua. Com frequência, o que ocorre na história das línguas é que uma determinada forma pode ser estruturalmente ambígua entre duas interpretações em alguns dos contextos em que tal forma ocorre, ou seja, a forma pode ser analisada de mais de uma maneira. O que acontece a seguir é que uma dessas análises acaba predominando sobre a(s) outra(s) análise(s) anterior(es) na mente dos falantes. A nova análise pode estabelecer-se como a base para a derivação de todo um novo paradigma de formas ou de construções.

De modo a exemplificar, a palavra original para o pronome da primeira pessoa do singular foi reconstruída em muitas línguas australianas como */ η aj/. Quando esse pronome era usado como o sujeito de um verbo transitivo, ele recebia o sufixo ergativo e, após o glide final, a forma desse sufixo era */-d μ /. Por conseguinte, o pronome que expressava o sujeito de um verbo intransitivo era */ η aj/, enquanto a forma que aparecia quando o verbo era transitivo era */ η aj-d μ / (e essa forma foi reduzido fonologicamente mais tarde a */ η ad μ /). Posteriormente, a forma do sujeito transitivo em certos casos substituiu a forma intransitiva */ η aj/. Algumas línguas reanalisaram a nova forma */ η ad μ /, que era utilizada com verbos transitivos e intransitivos, como uma forma essencialmente intransitiva e acrescentaram um novo sufixo ergativo nele quando aparecia antes de verbos transitivos. Consequentemente, há línguas australianas, como o warlpiri, que exibem a forma do sujeito intransitivo */ η ad μ / e a forma do sujeito transitivo */ η ad μ -lu/ (em que /-lu/ é o alomorfe do sufixo ergativo que aparece em radicais que terminem em vogais)!

Algumas línguas austronésias da área do Pacífico também sofreram reanálise gramatical do que eram originalmente marcadores nominais. Em línguas como o tolai, falado em Papua Nova Guiné, sintagmas nominais comuns devem ser precedidos por um marcador com a forma /a/, que serve simplesmente para indicar que o que siga é um substantivo. Destarte, depreendem-se formas em tolai como as seguintes:

/a vat/ “pedra”

/a vavina/ “mulher”
/a pal/ “casa”

Esse /a/ foi herdado, na realidade, da protolíngua em que parece ter desempenhado uma função bastante parecida. Porém, na língua paamês de Vanuatu, esse */a/ original foi reanalisado como parte integrante da raiz de alguns substantivos (mais não de todos), e naqueles casos, os dois elementos não podem ser separados, por exemplo:

*/batu/ > /ahat/ “pedra”
*/tansik/ > /atas/ “mar”
*/niu/ > /ani/ “coco”

O marcador nominal original perdeu sua função de marcar substantivos e se tornou uma parte integrante da raiz nominal que o seguia.

Um último exemplo de reanálise gramatical é o caso do morfema {-burger} que está infiltrando a língua inglesa em palavras como *hamburger*, *fishburger*, *cheeseburger*, *eggburger* e até *Kiwiburger* (esse último se refere a um hambúrguer vendido na Nova Zelândia por McDonald’s que não contém carne de kiwi, mas um ovo estalado e beterraba em vinagre). A palavra *hambúrguer* era a única dessas quatro palavras a ocorrer na língua inglesa. Sua etimologia deriva do nome da cidade de Hamburgo na Alemanha mais o sufixo *-er* (seguindo o mesmo padrão do que *berliner* (um tipo de *doughnut* típico de Berlim). Porém, os falantes de inglês perceberam uma ambiguidade entre essa explicação da origem da palavra e a interpretação de *hamburger* como {ham} “presunto” (pelo recheio de carne no pão) + {-burger}. A segunda análise parece estar vencendo e um novo morfema {-burger} surgiu na língua inglesa. O significado desse novo morfema {-burger} parece ser algo como “pão levemente torrado (hoje, talvez, aquecido num micro-ondas) com um determinado recheio e salada”. Esse sufixo veio a ser afixado a outros substantivos que se referiam a uma seleção de recheios com os quais o hambúrguer podia ser confeccionado.

Na realidade, o sufixo {-búrguer} até parece estar sofrendo ainda outras reanálise como uma raiz nominal em vez de um mero sufixo – hoje é possível pedir um búrguer, em lugar de o que era chamado um búrguer simples. Esse exemplo que vai ao contrário à tendência unidirecional majoritária dos itens lexicais a transformar-se em morfemas presos e não o inverso.

Existe outro tipo de reanálise gramatical que é preciso mencionar: a **derivação regressiva**. Um exemplo desse processo é envolvido no surgimento da palavra inglesa *cherry* /'tʃɛ.ɹɪ/ “cereja”. Essa palavra foi tomada emprestada do francês normando, *cherise* /tʃe'rizə/ (francês moderno, *cerise* /sə'riz/). Em inglês medieval, tal como no francês, a pronúncia dessa palavra é igual no

singular e no plural. Porém, para os falantes de inglês, /'tʃeriz/ soava como uma palavra plural, já que o marcador de plural era /-(i)z/ (afinal, as cerejas são frutas pequenas que geralmente ocorrem em grandes quantidades!). Conseqüentemente, quando os falantes de inglês queriam se referir a uma cereja, eles tiravam o que lhes pareciam um sufixo de plural /-z/ e falavam de um /'tʃeri/, uma palavra nunca antes ouvido. Se esses falantes de inglês anteriores não tivessem reanalisado a palavra, cortando o sufixo que percebiam, talvez hoje se diria um *cherries* dois *cherrieses*! (Mais tarde na sua história, o inglês copiou a palavra francesa *cerise* de novo, nessa ocasião para descrever um tom roxo escuro, cuja pronúncia em inglês está exatamente o que se imaginaria na base da prolação francesa, ou seja, /sə'.i:z/.)

(b) Analogia

Outra força poderosa na mudança gramatical, além da reanálise, é a *analogia*. Os sistemas gramaticais operam em termos de padrões gerais. Os padrões, entretanto, tendem a exibir exceções (ou “sub-padrões especiais”) que ocorrem em só um pequeno e imprevisível conjunto de situações. Por exemplo, formar os plurais dos substantivos em inglês, é normal acrescentar um morfema que apresenta os seguintes alomorfes: /-əz/ após sibilantes, /-s/ depois de não sibilantes surdos e /-z/ quando seguir não sibilantes sonoros. Há, porém, alguns plurais irregulares que todos os falantes de inglês simplesmente têm que aprender, que incluem as seguintes formas:

| <u>singular</u> | <u>plural</u> |
|-----------------|-----------------|
| <i>man</i> | <i>men</i> |
| <i>woman</i> | <i>women</i> |
| <i>child</i> | <i>children</i> |
| <i>mouse</i> | <i>mice</i> |
| <i>foot</i> | <i>feet</i> |
| <i>ox</i> | <i>oxen</i> |

Qualquer pessoa que se engane e diga (como uma criança poderia) *mans* por *men* ou *foots* por *feet*, está operando sob a influência da analogia. Embora tais formas sejam consideradas como erros por falantes nativos de inglês, existem algumas formas que começaram como erros, mas que se tornaram completamente padronizadas na língua. Por exemplo, a palavra *shoe* “sapato” originalmente formava seu plural irregularmente *shoen*, mas agora essa irregularidade foi totalmente regularizada para *shoes*. Atualmente, o plural de *book* é *books*, mas, se a forma original do inglês antigo tivesse continuado a evoluir regularmente a partir do plural irregular *bec*, hoje em dia, os anglófonos modernos leriam *beech*! Finalmente, o que são *nuts* hoje, seriam *nit*, se a analogia não tivesse levado os falantes a regularizar o plural antigo.

A analogia também pode operar na outra direção. Em vez de criar mais regularidade, analogia pode provocar formas regulares a tornar-se irregulares na base de padrões parciais que já existem na língua. Por exemplo, na maioria dos dialetos do inglês, o verbo *dive* “mergulhar” é totalmente regular no tempo pretérito e as pessoas dizem simplesmente *dived* “mergulhou”. No inglês americano, porém, é normal ouvir pessoas dizerem *dove* (embora isso soe tão estranho para os falantes de outros dialetos como se alguém dissesse *squoze* “apertou” para o pretérito de *squeeze* “apertar”!). O eventual motivo dessa divergência no inglês americano é a operação de analogia na base do pretérito irregular do par já existente *drive/drove* “conduzir/conduziu” (NB espanhol *conducir/conduje, condujiste, condujo*, etc.).

(c) Difusão

Ainda outro fator que pode influenciar a direção de mudança gramatical é a **difusão**. Já vimos que podem se influenciar mutuamente em seu vocabulário, porque palavras são copiadas frequentemente de uma língua para outra. As línguas não copiam palavras simplesmente, como também copiam construções gramaticais e, às vezes, até os morfemas que são usados para construir sentenças numa língua. Isso ocorre quando há uma quantidade suficiente que fala duas línguas e eles começam a falar uma língua usando estruturas derivadas da outra língua. Na primeira seção deste capítulo, vimos que foi proposta que a ordem de palavras SVO original das línguas austronésias mudou nas línguas de Cenral Province e de Milne Bay Province para SOV, sob a influência das línguas não austronésias vizinhas. Isso significa que a ordem de palavras SOV neste caso **difundiu** para as línguas austronésias. (No capítulo 12, examinamos em mais detalhe as maneiras pelas quais as línguas podem mudar gramaticalmente como resultado da difusão.)

7.4. A mudança semântica

No início deste capítulo mencionei que a mudança fonológica foi investigada com bastante intensidade nas línguas do mundo. A mudança gramatical foi menos estudada, mas é uma área que está recebendo muita atenção atualmente. A mudança semântica, entretanto, será a área da linguística diacrônica que é menos compreendida, talvez porque a semântica é há tempos o ponto fraco na investigação linguística sincrônica. No entanto, existem algumas observações que se pode fazer ao respeito dos tipos de mudança semântica que ocorrem nas línguas e as forças que estão envolvidas em provocar tais mudanças. As mudanças em significado podem ser divididas entre quatro tipos básicos: **ampliação, redução, bifurcação e substituição**. Nas seções seguintes, tratarei de cada um dessas categorias.

(a) Ampliação

O termo ampliação serve para se referir a uma mudança de significado que resulta em uma palavra adquirir significados adicionais àqueles que expressava originalmente, ao mesmo tempo que ainda retém aqueles sentidos originais como parte da nova denotação. Um bom número de palavras sofreram ampliação semântica durante a história da língua inglesa. A palavra moderna *dog*, por exemplo, se deriva de uma forma anterior *dogge*, que designava uma determinada raça de cães particularmente fortes que era criada na Inglaterra. A palavra *bird* “pássaro”/“ave” é derivada de uma palavra antiga *bridde*, que significava apenas os passarinhos que não tinham saído no ninho ainda. Hoje, o termo é genérico, referindo-se qualquer tipo de pássaro. [[Em português, o mesmo processo de ampliação ocorreu com a palavra *maçã*. Em latim, a fruta era chamada a *māla mattiāna* “maçã de Mátio”, ou seja, tratava-se de um tipo específico dessa fruta. Atualmente, designa qualquer espécie de maçã. Outro exemplo é *barro*, que até o século XVI significava a argila do oleiro, antes de adquirir o sentido de qualquer tipo de lama.]]

(b) Restrição ou especificação

A restrição semântica é exatamente o processo oposto ao que vimos acima. Utilizamos o termo para indicar que uma palavra chega a significar apenas uma parte do sentido original. Um bom exemplo desse processo é a palavra inglesa *hound*. A pronúncia dessa palavra antigamente era /hund/ e significava qualquer tipo de cão, o que revela sua cognação com palavras semelhantes noutras línguas germânicas, como *Hund* em alemão, em que o sentido genérico de “cão”/“cachorro” foi preservado. Com o passar dos séculos, porém, a referência de *hound* ia-se restringindo até se tornar próprio para apenas aquelas raças de cães de caça que persigam a presa em matilhas, como os *beagles*. A palavra *meat* também foi restrita semanticamente. Antigamente, referia-se a qualquer tipo de alimentação (significado preservado no termo *sweetmeats* “doces”), embora atualmente só significa o alimento que é derivado da carne de animais abatidos. [[Em português, restrição semântica ocorreu em *cunhado*, que em português antigo significava qualquer parente por casamento e não só o marido da irmã (É interessante notar que o étimo latino, *cognatus*, significava qualquer parente de sangue, ou seja, o oposto do sentido moderno!). *Rezar* também foi-se especializando semanticamente, já que, antigamente, seu sentido era de “recitar”, “enunciar em voz alta”, sem conotações religiosas.]]

(c) Bifurcação ou fissão

Uma terceira classe de mudança semântica é conhecida como *fissão* ou *bifurcação semântica*. Esse processo descreve a maneira pela qual uma palavra desenvolve um significado alternativo que está

relacionado de alguma maneira com o sentido original. Por exemplo, em inglês, o primeiro elemento na expressão *pitch black* “estar um breu”, “escuro como breu” não é identificado com a palavra *pitch* “piche”, “breu”. Tais falantes poderiam pensar que *pitch* significasse algo como “muito” ou “totalmente”, uma situação propícia para a reinterpretação do termo. Se as pessoas comessem algum dia a dizerem *pitch blue* ou *pitch yellow*, por exemplo, isso seria um indício de que, para elas, o significado de *pitch* teria sofrido uma fissão ou bifurcação semântica e abrange dois significados bastante diferentes. [[Casos parecidos em português brasileiro incluem o uso de *meio* para indicar que algo é “parcialmente”, “um tanto” de uma determinada maneira, enquanto a mesma palavra também expressa a noção de “equidistante de ou intermediário entre dois pontos extremos”.]]

(d) Substituição

O último tipo de mudança semântica de que trataremos é a **substituição semântica**, em que uma palavra perde o significado original totalmente e adquire um novo sentido. Em todos os outros exemplos de mudança semântica que temos apresentado acima, pelo menos algum aspecto do significado antigo é preservado, porém, na substituição, isso não ocorre. A história da palavra *silly* “bobo”, “tolo”, “estúpido”, “irresponsável” em inglês, comparada com seu cognato *selig* “santo”, “abençoado” em alemão, exemplifica bem o processo. *Selig* “abençoado” existia tanto no inglês antigo quanto no alemão antigo, sendo um derivado de *sēle/Seele* “alma”. No entanto, evidente uma mudança significativa ocorreu entre esse sentido original, que foi preservado no alemão, e o significado no inglês moderno.

Obviamente, as palavras não ficam pulando avulsamente de um significado para outro quando experimentam substituição semântica desse tipo. É mais comum que o significado mude em passos menores que correspondem a alguns dos tipos de mudança que já foram mencionados, mas devido à perda de alguns sentidos originais, é normal que os pontos de contato intermediários entre uma fase semântica e outra também desapareçam. A palavra alemã *selig* adquiriu o significado “bem-aventurado”, partindo do sentido original de “abençoado”. Essa mudança representa uma ampliação semântica compreensível, já que é provável que alguém que tenha sido abençoado se sinta bem-aventurado, pelo prospecto de ir ao céu. De “bem-aventurado”, o sentido genérico de “feliz” foi incluído ao leque de sentidos de *selig* e, talvez, por uma pessoa feliz se comportar de uma maneira um pouco bobo, pela felicidade, dali teria saído o significado que a palavra *silly* assumiu no inglês moderno.

Ao debater a mudança semântica, é usual reconhecer várias forças que operam para influenciar a direção em que as mudanças vão, entre as quais destacamos *metáfora*, *eufemismo*, *hipérbole* e *interferência*. Examinaremos cada uma dessas forças a sua vez.

(a) *Metáfora*

Um metáfora é uma expressão em que se refere a algo por algum outro termo porque se percebe uma semelhança parcial entre os dois referentes. Por exemplo, se alguém disser que Kali é um porco, não quer dizer literalmente que ele seja um porco, mas que existem certos aspectos da sua aparência ou do seu comportamento que lembram determinados aspectos de um porco. Pode ser que ele coma muito, ou que ele coma de uma maneira suja e desordenada, ou que ele seja uma pessoa imunda ou muito bagunceira. Às vezes o surgimento de um uso metafórico de uma palavra pode impactar no significado original, provocando uma mudança semântica. Por exemplo, a palavra *insulto* originalmente significava “pular em”. Presumivelmente, quando se insultava alguém, tratava-se de um assalto físico. Porém, a transferência metafórica para o contexto de um ataque verbal em que se “pulava” no outro linguisticamente acabou substituindo o sentido original por completo.

(b) *Eufemismo*

Um *eufemismo* é um termo utilizado para evitar alguma outra palavra que tenha associações semânticas desagradáveis ou cujo uso está proibido por ser tabu em certos contextos. Por exemplo, nos tempos coloniais em Papua Nova Guiné, os europeus se referiam com frequência à população melanésia como *natives* (“nativos”). Na medida em que os papuas se tornavam mais cientes das conotações da palavra “nativo” no contexto colonial (já que implica um certo atraso e inferioridade), sentia-se uma necessidade de encontrar uma palavra alternativa para falar dos povos autóctones do Papua Nova Guiné que não lhes fosse ofensivo. Foi desta maneira que a expressão *a national* (“um nacional”) se virou a expressão aceita para substituir “nativo”. O termo “nacional”, portanto, passou por uma ampliação semântica no inglês de Papua sob pressão eufemística. Em Vanuatu, também ressentia-se as conotações negativas da palavra *native* e um novo termo foi desenvolvido ali também, mas, nesse caso, a alternativa foi criada de recursos lexicais locais e a palavra *ni-Vanuatu* (literalmente “de Vanuatu”) foi incorporada ao léxico da variedade inglesa das ilhas. Essa palavra virou a forma aceita geralmente, mas entre aqueles europeus que insistem em denegrir pessoas de origem melanésia (mas que não ousam usar a palavra *native*, [[pelo tabu social do racismo colonial com o qual foi taxado]]), criaram um novo termo insultante a partir do eufemismo *ni-Vanuatu*, *ni-Vans* (esse tipo de mudança em que uma palavra ganha sentidos ou conotações pejorativos ou despeitosos é denominado *deterioração* ou *pioramento semântico*).

(c) *Hipérbole*

Algumas palavras são avaliadas como expressões muito mais fortes de certos significados do que outras palavras que se referem ao mesmo fenômeno. Por exemplo, os adjetivos *bom* e *fantástico* podem referenciar aproximadamente os mesmos conceitos, mas, apesar disso, é essa palavra que exerce o maior impacto. Tais palavras mais “fortes” podem se tornar mais neutras e corriqueiras se são usadas com bastante frequência. Essa força semântica é conhecida como *hipérbole*, que significa que uma conotação originalmente impactante se perde por uma diluição semântica devido ao uso muito frequente. Um exemplo desse processo é uma mudança na língua francesa: *estonner* (< latim, *extonare*) significava “abater com raios”; seu descendente direto no francês moderno, *étonner*, significa apenas “surpreender”.

(d) *Interferência ou contaminação*

A quarta e última força que opera na mudança semântica que examinaremos nesta seção é a *interferência* ou *contaminação*. Às vezes, uma palavra num par de termos semanticamente semelhantes, ou um par de homônimos (ou seja, palavras com a mesma forma, mas com significados totalmente diferentes) podem sofrer algum tipo de mudança semântica para evitar a possibilidade de confusão entre os dois itens. Por exemplo, até há trinta ou quarenta anos, na sociedade anglófona em geral, a palavra *gay* significava “feliz”, “alegre”. Mais tarde, o adjetivo sofreu um processo de fissão ou bifurcação semântica em que adquiriu o sentido adicional de “homossexual”. Quando essa segunda conotação se generalizou entre os falantes de inglês, pessoas heterossexuais começaram a evitar o termo *gay* quando queriam expressar seu estado de ânimo. Atualmente, é pouco provável que alguém de qualquer orientação sexual use a palavra *gay* para se referir ao contentamento.

Outro exemplo de interferência semântica envolve a palavra /melek/ do pidgin bislama. Quando o bislama tomou a palavra *milk* “leite” emprestada do inglês, essa foi forma fonológica do empréstimo. Porém, /melek/ ganhou um segundo significado posteriormente de “sêmen”. A associação da palavra /melek/ com as conotações tabu do significado “sêmen” se tornou tão forte que os falantes de bislama mais jovens evitam a palavra /melek/ para se referir ao leite e reimportaram a palavra inglesa *milk* com a pronúncia original /milk/.

7.5. *Mudança lexical*

Investigar a história de palavras particulares por si em lugar de estudar as mudanças em sua pronúncia ou composição morfológica é praticar o estudo da *mudança lexical* (também chamado *etimologia*). Embora o trajeto de alguns itens lexicais possa ser seguido até uma protolíngua

reconstruível, é certamente o caso de que existem algumas palavras no léxico de uma determinada língua que são inovações que surgiram desde a desintegração da protolíngua.

Inovações no léxico pode surgir de diversas origens diferentes. Uma das fontes mais comuns de novas palavras numa determinada língua é vocábulos de outra(s) língua(s). Tradicionalmente, os linguistas referem a esse processo como os *empréstimos lexicais*. Apesar de utilizar esse termo, muitos linguistas expressam sua insatisfação com a designação, já que uma língua que “toma uma palavra emprestada” de outra não a devolve nunca e tampouco é o caso que uma língua perca o direito de utilizar uma expressão que tenha emprestado a outra língua. É mais exato falar de uma língua *copiar* palavras de outra língua, porque isso descreve de forma acertada a natureza do processo. Neste livro, portanto, em geral, tenho preferido usar o termo “copiar” em vez de “tomar emprestado” e “empréstimo” para me referir a esse processo de mudança lexical, embora as duas denominações possam ser utilizadas para descrevê-lo [e esses são mais comuns na literatura do que aquela].

Quando [os falantes] de uma língua copia um item lexical, tomam a forma de uma palavra que exista numa língua é, tipicamente, reformam-na para que ela fique adequada à fonologia da sua própria língua. Isso significa que fonemas que não ocorram [na língua que está adotando a nova palavra] podem ser substituídos por fonemas que estejam presentes nela ou palavras podem ser adequadas ao padrão fonológico de uma língua [receptora] mediante a eliminação de sons que ocorram em posições pouco familiares ou por recurso à inserção de sons para que a palavra nova se conforme aos modelos existentes na língua. Por exemplo, o tonganês, não permite nenhum encontro de consoantes, nem admite consoantes em final de palavra. O tonganês tampouco distingue entre [l] e [r], de modo que, quando falantes do tonganês querem falar de sorvete, eles utilizam uma palavra copiada do inglês para o tonganês com a seguinte forma: /aisikilimi/.

As línguas são mais propensas a copiar palavras de outras línguas que são da área de *vocabulário cultural*, antes de tomar itens léxicos do *léxico básico*. O vocabulário básico corresponde essencialmente a itens que se pode contar encontrar em todas as línguas humanas. Dificilmente imaginaremos uma língua que não inclua alguma maneira conveniente de expressar significados como os seguintes: *chorar, andar, dormir, comer, água, pedra, céu, vento, pai e morrer*. O léxico cultural, por outro lado, se refere a significados que sejam *culturalmente específicos*, ou seja, aqueles que as pessoas aprendam pela experiência da sua própria cultura. Evidentemente, os significados culturalmente específicos não fazem parte do léxico básico, porque apenas algumas línguas exibem palavras para expressar tais conceitos: *tipi* e *cachimbo de paz* (na América do Norte), *geada* e *neve* (em regiões fora dos trópicos), *kava* e *tecido tapa* (no Pacífico Sul), *Tempo do Sonho* e *Serpente arco-íris* (entre os aborígenes da Austrália), *terremoto* e *lahar*

[corrente de lava volcânica] (em regiões de instabilidade geológica), *televisão* (nas sociedades industrializadas), *haji*, *jihad* e *muezim* (nas sociedades muçulmanas), e *trindade* e *ressurreição* (nas sociedades cristãs).

Existe ainda alguns outros tipos de terminologia que é culturalmente específica, mas esse fato pode não ficar evidente à primeira vista. *Obrigado* é um bom exemplo desse tipo de expressão. Em culturas ocidentais, as crianças são lembradas constantemente de dizer obrigado em qualquer oportunidade apropriada, mas a expressão verbal de agradecimento é um costume eminentemente ocidental. Muitas línguas do Pacífico, por exemplo, não contêm palavras para expressar esse significado e não é considerado necessário nessas culturas expressar o agradecimento em palavras (embora o agradecimento pode ser expresso por outras maneiras, evidentemente). Até as palavras aparentemente básicas como os números de um a dez não ocorrem em todas as línguas. Poucas línguas aborígenes [ou indígenas], por exemplo, exibem palavras distintas acima de dois ou três. Qualquer quantidade a mais de três é expressa pela palavra para “muitos” ou uma expressão composta pouco prática dos numerais existentes poderia ser utilizada. Na língua bandjalang do norte de New South Wales na Austrália, por exemplo, há os números /jabur/ “um” e /bula:bu/ “dois” e se for preciso expressar “sete”, será expresso da seguinte maneira: /bula:bu-bula:bu-bula:bu-jabur/. Dado que tal técnica de contagem se torna ineficaz uma vez que os números ficarem maiores, está evidente que o ato de contar não era algo que acontecia com frequência nessa cultura. A melhor explicação desse fato é que contar não constituía um elemento importante da cultura não aquisitiva dos aborígenes australianos.

Nenhuma cultura está estático e, muitas vezes, mudanças culturais se produzem pelo contato entre povos cultural e tecnologicamente diferentes. Na medida em que a tecnologia e as crenças europeias se difundiam pelo Pacífico, muitas palavras de origem inglesa foram copiadas nas línguas dessa região. Falantes de motu em Papua Nova Guiné têm a palavra /botolo/ para “garrafa” (< *bottle*), os maori falam /hikareti/ para “cigarro” (< *cigarette*), “carro” em tonganês é /motuka/ (< *motorcar*) e os paamês em Vanuatu dizem /ve:va/ para “carta” (< *paper*). A expressão *thank-you* também foi copiado para o paamês, sendo reformada como uma palavra simples /tagio/. (Em paamês, a sequências com [iu] não são possíveis, de modo que a vogal final foi modificada.) Não é só palavras inglesas que tenham sido copiadas nas línguas do Pacífico: vários poderes coloniais têm introduzido mudanças culturais durante os últimos cento e cinquenta anos. O francês contribuiu a palavra /lalene/ “rainha” (< *la reine*) às línguas dos arquipélagos de Wallis e Futuna e os alemães trouxeram palavras como /beten/ “rezar” (< *beten*) para algumas línguas papuas.

Copiar os itens lexicais não é a única fonte de mudança lexical para refletir mudança cultural. Os falantes de qualquer língua também se servem dos seus próprios recursos linguísticos

para criar novas palavras. Se selecionarem uma palavra que já exista e estenderem sua área de referência a fim de expressar um novo significado, isso constitui um caso de mudança semântica que foi usado para preencher uma lacuna lexical na língua. Por exemplo, quando os paameses de Vanuatu viram um avião pela primeira vez, deve ter-lhes parecido uma ave grande. A palavra para “ave” em paamês é /aman/ e é a mesma palavra que se usa em paamês atualmente para designar “avião”. As pessoas também preenchem lacunas lexicais pela invenção de novas palavras criadas pela junção de vocábulos que já existem em construções compostas, conforme as regras que vigoram na língua naquele momento. Quando os fijianos conheceram o avião pela primeira vez, chamaram-no de /waga-vuka/, expressão é derivada das palavras /waga/ “canoa” e /vuka/ “voar” [ou seja, um avião foi concebido com uma “canoa voadora”, o que não é tão estranho, se se considerar o formato comprido e estreito da fuselagem de uma aeronave é parecido, de fato, ao formato comprido e estreito de uma canoa polinésia]. [De modo parecido,] “aeroporto” em paamês se diz /out ten aman/, que significa literalmente “lugar de aves (ou seja, de aviões)”.

Embora o componente não central do léxico de uma língua seja altamente susceptível à mudança, devido à necessidade de expressar mudanças culturais e tecnológicas, as cópias lexicais não se restringem apenas à expressão de novos significados. No primeiro capítulo, mencionei que as gerações mais novas entre os falantes de paamês utilizam frequentemente as palavras derivadas do inglês /bu:s/ “arbusto” (< bush [bʊʃ]) e /ka:ren/ “jardim” (< garden [gɑdɪn]) em lugar das palavras autóctones /leiai/ e /a:h/, respectivamente, que seus pais e avôs usam. Não há *necessidade* para esse comportamento, porque o paamês já dispõe de palavras perfeitamente adequadas para expressar esses significados. “Jardim” e “arbusto” não são as únicas palavras desnecessárias que os paameses tenham copiadas. Por exemplo, encontram-se palavras como /sta:t/ “começo”, “começar” (< start [stɑ:t]), /ma:s/ “ter que” (< must [mʌst]) e /ale/ “tudo bem” (< fr., allez [ale]). Apesar de que existem maneiras totalmente adequadas para expressar esses significados, entre outros, por meio de palavras paameses nativas, poucas pessoas se servem delas (e muitos jovens teriam dificuldade em dizer qual é a palavra original para “começar” em paamês). O paamês dispõe de um sistema numérico eficiente, entretanto, poucas falantes mais novos da língua sabem contar em paamês até mais de cinco, preferindo utilizar, em vez disso, os números derivados do inglês: /wan/, /tu/, /tiri/, /vo:./, /vaiv/ (< one [wʌn], two [tʰuw], three [θɹiː], four [fɔ:ː], five [fajv]), e assim adiante.

Por que as pessoas se comportariam assim? É difícil identificar uma boa explicação para isso. No entanto, se um falante de inglês usar a expressão *coup de grace*, derivada do francês, por *final blow* “golpe de misericórdia”, muitos suspeitarão que a pessoa tenha querido demonstrar seu nível de formação [e, assim, de forma indireta, sua posição na hierarquia social]. Igualmente, quando falantes de línguas do Pacífico empregam expressões copiadas dos inglês ou francês, é

possível que queiram expressar que estão integrados ao mundo moderno e não vivem no atraso dos seus antepassados.

Inglês, francês e alemão não são as únicas fontes das quais as línguas do Pacífico possam copiar vocábulos. Embora o ato de tomar empréstimos lexicais é associado frequentemente com os poderes econômicos e políticos de uma região, *qualquer tipo de contato cultural* pode provocar o copiar de itens lexicais entre línguas. Existe contato de longa data entre o fijianos e os tonganeses desde muito antes da chegada os europeus no Pacífico e copiavam-se muitos vocábulos entre as duas línguas. Também há muitas palavras de origem quiribati no léxico da língua tuvaluana.

A língua rotumana de Fiji exhibe evidência de ter copiada palavras de línguas polinésias em diferentes períodos da sua história. Às vezes, constata-se que a mesma forma original foi herdada de forma regular com um significado e, mais tarde, copias foram feitas cujo significado é um tanto diferente. Para exemplificar: o lexema */toka/ “ser lançada à praia” foi herdada diretamente [da língua ancestral protoaustronésia] como /foʔa/, preservando o significado original. Contudo, essa palavra foi copiada, posteriormente, de uma outra língua austronésia na qual não houvesse nenhuma mudança fonológica desde a protolíngua, de modo que, atualmente, em rotumano, consta a palavra /toka/, que significa “assentar-se”. Casos como esse são denominados exemplos de *alotropia*, ou seja, pares de palavras historicamente aparentados em que uma foi herdada por via direta e a outra representa uma cópia posterior de outra língua aparentada [com a receptora]. Obviamente, porém, se uma língua pacífica copiasse uma palavra de uma língua a qual não tenha nenhuma relação de parentesco genético próximo, seria fácil identificar a palavra como um acréscimo relativamente recente ao léxico [pela falta de correspondências sonoras regulares]. Quando uma língua copiar palavras de outra língua com a qual compartilhe uma ascendência razoavelmente próxima, tende a ser bem mais difícil reconhecê-la como uma inovação lexical tardia [porque pode ser que sua forma se encaixe bem nos conjuntos de correspondências, devido à origem comum].

Existem ainda outras razões por que as línguas sofrem mudanças lexicais. Em muitas culturas do Pacífico e da Austrália, por exemplo, há uma tendência de chamar as pessoas por algum evento ambiental destacado na hora do nascimento da criança. Deste modo, uma criança que nasceu durante uma tempestade violenta pode receber o nome “Raio”. Uma criança que nasceu durante a década dos 1980 em Vanuatu e cujos pais não eram casados foi chamado “Disco”, porque foi depois de uma noite de dança que ele foi concebido. Em algumas sociedades, fortes restrições sociais operam contra o uso do nome das pessoas em certas circunstâncias. Em sociedades aborígenes na Austrália, por exemplo, é proibido enunciar o nome de uma pessoa que tenha morrido recentemente. Em tempos modernos, esse tabu foi estendido para coibir que se ouça uma gravação da voz do defunto ou que seu rosto seja visto numa foto ou num vídeo. Se o nome da pessoa

falecida for a palavra para algum objeto cotidiano [ou até parecido com a designação de tal coisa], então, os falantes daquela língua tampouco poderão pronunciar o termo para se referir ao objeto. Em situações como a que acabamos de descrever, a maneira mais fácil de contornar esse problema do tabu contra o nome dos mortos é de copiar uma palavra que significa a mesma coisa de uma língua vizinha. Os aborígenes australianos tipicamente falavam mais de uma língua e, portanto, tais circunlocuções eram geralmente simples de se realizar.

Na língua kabana que é falada na província de West New Britain em Papua Nova Guiné, as pessoas tipicamente têm nomes que se referem a objetos cotidianos. Nessa sociedade, como 3m muitas outras sociedades da Melanésia, existem fortes restrições contra o enunciar os nomes dos parentes por afinidade [(os sogros e cunhados)]. Isso vale até para o objeto pelo qual o parente recebeu o nome e mesmo que não se pretenda utilizar o termo como uma referência pessoal. Em tais casos, a língua costuma “reservar” um estoque de palavras especiais. Essas palavras substitutas podem ser palavras da própria língua kabana (porém, com um significado diferente [, mas, em geral, próximo ao da palavra tabu]) ou podem ser palavras com o mesmo significado que tenham sido copiadas de outras línguas vizinhas. De modo a exemplificar esse costume: em kabana, a palavra para um determinado tipo de peixe é /urae/. Se seu sogro ou cunhado se chamar Urae, pois, você terá que se referir a esse tipo de peixe como /moi/, que é a palavra geralmente utilizada para designar o taro. A palavra para “crocodilo” em kabana é /puaea/, mas ficará proibida enunciá-la, se seu parente de afinidade se chamar Puaea e em vez de /puaea/ você dirá /bagele/ quando quiser se referir aos crocodilos. A palavra /bagele/ foi copiada de uma língua vizinha em que a palavra para “crocodilo” é, na realidade /vayele/.

Outra prática parecida ocorre na Polinésia, embora a restrição em usar certas palavras está associada com a posição social dos chefes. Em Taiti, por exemplo, é o costume chamado /pii/ em que se estipula que o nome de um cacique (ou até uma parte de um nome de um cacique) não possa ser enunciada por pessoas comuns. Por conseguinte, durante a época em que reinava o cacique muito poderoso que se chamava Pomare, por exemplo, as palavras muito frequentes /poo/ “noite” e /mare/ “tossir” ficavam sujeitas ao tabu por soarem como partes do nome do cacique. A palavra /poo/ era substituída por /ruʔi/ e /mare/ foi trocado por /hota/.

Outro tipo de restrição que é praticada entre os falantes da língua wampar da província de Morobe em Papua Nova Guiné, envolve um tabu contra topônimos. Certos lugares são considerados como sagrados, talvez porque o sangue dos antecessores desse povo tinha sido derramado neles, ou porque seus antepassados estavam enterrados ali. Se os wampar modernos mencionarem os nomes dessas localidades sagradas, eles acreditam que os espíritos ancestrais os punirão com desastres, doenças ou destruindo as safras de que esse povo depende para sua sustentação. Os povos daquela

região também observem restrições parecidas à prática dos kabana no que diz respeito a não enunciar os nomes dos parentes de afinidade. As pessoas dispõem de várias opções para falarem desses lugares e pessoas e que permitem que elas evitem quebrar os tabus. Algumas dessas línguas exibem duas ou três palavras sinônimas para se referir à mesma coisa, especialmente para as palavras mais frequentes. Outra possibilidade envolve a substituição da palavra tabu por outro termo semanticamente próximo. Por exemplo, na língua mari que é falada na mesma região, se a palavra /zah/ “fogo” ficar restrita por algum motivo, a palavra /pakap/ “cinzas” pode servir para se falar do fogo.

Palavras podem cair em desuso numa língua e desaparecer e novas palavras podem ser criadas por motivos que não estão evidentes sempre. Às vezes, quando um vocábulo surge numa língua, não se consegue identificar de onde veio. A palavra inglesa *man* “homem”, por exemplo, goza de uma história muito longa. Existem cognatos nas outras línguas germânicas, como *Mann* em alemão, e o curso da sua evolução pode ser seguido através da palavra *manu* em sânscrito até o protoindo-europeu. Por outro lado, a palavra inglesa *boy* é um mistério, já que surgiu os registros textuais depois que a língua inglesa se tinha separado das demais línguas germânicas e não existe nenhum cognato em nenhuma língua indo-europeia. Há várias explicações possíveis por essa situação enigmática. Uma aclaração defende que a palavra *boy* tinha existido antes [na forma de cognatos], mas que foi eliminado de todas as outras línguas aparentadas com o inglês ao mesmo tempo. Outra possibilidade sustenta que *boy* foi copiado de alguma outra língua desconhecida. No entanto, não se sabe em absoluto qual língua teria emprestado *boy* ao inglês.

Finalmente, existe a possibilidade de que *boy* se trata de uma inovação lexical genuína da língua inglesa. Porém, é quase nunca o caso que uma palavra surja de verdade do nada. De vez em quando, uma palavra é inventada, de fato, como *googol* (cunhado pelo filho de um matemático para denominar a cifra um seguido de cem zeros), mas, em geral, as palavras inventadas têm alguma base nos termos que já existem na língua. Podemos pressupor que algo parecido tenha ocorrido no caso de *boy*: alguma palavra assumiu esse significado e o antigo sentido foi perdido por completo. Não temos nenhuma evidência de que permita comprovar isso, entretanto, de modo que o que nos confronta é uma palavra que *parece* ter surgido no léxico do nada.

Há uma categoria especial de inovações lexicais que introduziremos agora. Essas palavras são os produtos de um processo de **compressão** ou **truncamento** em que novos itens léxicos surgem a partir das aparas de vocábulos. Esta mudança tipicamente afeta apenas algumas poucas palavras, ocorre esporadicamente e não é um fenômeno geral. Num exemplo particularmente frequente desse processo de truncamento, denominado **acrossemia**, uma sílaba ou algumas sílabas são cortadas do final ou do meio de uma palavra da língua, deixando as partes iniciais.

universidade → *uni* *faculdade* → *fac*
companhia → *co, com* *São Paulo* → *Sampa*
sociedade → *soc*

administration → *admin* ['ædmɪn]
Shepparton → *Shepp* [ʃɛp]
Wangaratta → *Wang* [wæŋ]

Existe uma tendência no inglês australiano e novo-zelandês de acrescentar certas sílabas de determinado tipo às formas truncadas que expressa certa noção de diminutivo, p. ex.,

| | |
|---|---|
| <i>football</i> → <i>footie</i> ['fʊti] | <i>conscientious objector</i> → <i>conshie</i> ['kɒnʃi] |
| <i>biscuit</i> → <i>bikkie</i> ['bɪki] | <i>Salvation Army</i> → <i>Salvo</i> ['sælvəʊ], <i>Sallie</i> ['sæli] |
| <i>Christmas</i> → <i>Chrissie</i> ['krɪsi] | <i>Brisbane</i> → <i>Brizzie</i> ['brɪzi] |
| <i>present</i> → <i>prezzie</i> [pri:zi] | <i>communist</i> → <i>commie</i> ['kɒmi] |
| <i>hot water bottle</i> → <i>hottie</i> ['hɒti] | <i>Bolshevik</i> → <i>bolshy</i> ['bɒʃi] |
| <i>truck driver</i> → <i>truckie</i> ['trʌki] | <i>musician</i> → <i>muso</i> ['mju:zəʊ] |
| <i>wharf labourer</i> → <i>wharfie</i> ['wɔ:fi] | <i>tobacco</i> → <i>bakky</i> ['bæki] |
| <i>journalist</i> → <i>journo</i> ['dʒɜ:nəʊ] | <i>track suit</i> → <i>trackie</i> [træki] |
| <i>politician</i> → <i>pollie</i> ['pɒli] | <i>afternoon</i> → <i>arvo</i> [ɑ:vəʊ] |

Uma variedade particular da compressão envolve o uso das letras iniciais. [Na tradição gramatical lusófona, dentro da acrossemia, distinguem-se as **siglas**, por um lado, as quais constituem a reunião de letras iniciais dos vocábulos fundamentais de uma denominação ou título que ficam *sem articulação prosódica*, constituindo, assim, uma simples abreviação, e, por outro lado, os **siglemas** ou **acrônimos**, que envolvem casos em que uma sigla ou os segmentos iniciais (sendo essas letras ou sílabas) de uma expressão são adotados como uma forma própria, plenamente integrada à prosódia da língua.] Exemplos desse tipo de compressão ou inicialismo incluem:

Canadian Broadcasting Corporation → *C.B.C.* ['si:bj.sij]
television → *TV* [tʰi:vɪ]
World Health Organization → *W.H.O.* ['dʌ.blju'ej.ʃəʊ]
United Nations Organization → *U.N.* [ju.ɛn]
United Nations Organization → *U.N.E.S.C.O.* [ʊ'nes.ku]
Organização das Nações Unidas → *O.N.U.* ['ɔnu]
Universidade de São Paulo → *USP* ['uspi]
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas → *FFLCH* [fefe'leʃi]

Central Intelligence Agency → *CIA* ['si:aj.ej] / [siə]

Às vezes, é possível que um acrônimo perca sua associação com as formas das quais foi derivado e seja reanalisado como um item léxico independente. Por exemplo, no crioulo bislama de Vanuatu, existe uma palavra /kao/ que significa “totalmente esticado”, “dormindo profundamente”,

“completamente gasto”. Essa palavra é derivada da pronúncia francesa do acrônimo inglês *K.O.* que abrevia a expressão *knock out* “nocaute” (no boxe). No entanto, pouquíssimos falantes de bislama sabem da origem desse item como um acrônimo originado numa sigla para “nocaute”.

Outra fonte de novas palavras que surgem por acrossemia são os *cruzamento lexicais*. A origem de tais vocábulos inovadores envolve tipicamente uma sequência de acrônimos e/ou outras partes de uma denominação que são aglutinadas para gerar um novo item. Por exemplo:

Colégio de Administração → Col.Ad. [ko'ladʒi]
 Universidade Politécnica → UniPol [ũni'pow]

Esse tipo de mudança lexical parece ser particularmente frequente em órgãos governamentais ou em áreas relacionadas à administração em geral. Em Indonésia, um registro particular da língua bahasa indonésia surgiu no âmbito jornalístico em que o uso de diversos tipos de acrossemia é especialmente frequente. Pessoas com pouca familiaridade com esse estilo de escrever às vezes experimentem dificuldades para entender as seções dos jornais em que tal *jargão* é usado. Outra fonte de novos itens lexicais produzidos pelos processos mencionados acima é a publicidade. Em inglês, chaleiras que se desligam automaticamente depois que a água ferve recebeu o nome de *forgettles* (< *forget* “esquecer” + *kettle* “chaleira”) e uma marca de garrafas PET dobráveis foi chamada *fottles* (< *folding* “dobrável” + *bottle* “garrafa”).

Guia de leitura

- (1) Qual a diferença entre um *agrupamento genético* e um *agrupamento tipológico* de línguas?
- (2) Quais características definam uma *língua isolante*?
- (3) Quais características definam uma *língua aglutinante*?
- (4) Como as *línguas flexionais* se distinguem dos outros tipos de língua?
- (5) Como a *redução fonológica* pode provocar mudança na tipologia gramatical de uma língua?
- (6) Descreva o que ocorre na *fusão morfológica*. Quais tipos de mudança tipológica podem resultar desse tipo de mudança?
- (7) Quais fatores estão associados com a *redução morfológica*? Línguas de qual tipo gramatical são produzidas pela operação desse fenômeno diacrônico?
- (8) Qual a significância dos termos *ergatividade* e *acusatividade* no que diz respeito a tipologia linguística? Como as línguas podem mudar de um tipo para o outro?
- (9) Descreva os processos envolvidos na mudança da *ordem básica de constituintes linguísticos*.
- (10) O que é uma cadeia de *verbos em série* e como ela pode surgir?
- (11) Explique o significado do termo *reanálise gramatical*.

- (12) O que é a *derivação regressiva*?
- (13) Como a *analogia* causa mudança linguística?
- (14) Descreva e exemplifica o processo de *ampliação* ou *generalização semântica*.
- (15) Quais fatores caracterizam a *redução* ou *especialização semântica*? Exemplifique sua resposta.
- (16) Qual o significado do termo *bifurcação* ou *fissão semântica* com respeito à mudança linguística?
- (17) O que ocorre no fenômeno da *substituição semântica* e como esse tipo de mudança difere dos outros tipos de mudança semântica que você tem estudado?
- (18) Como as *metáforas* podem influenciar a direção de uma mudança semântica?
- (19) Descreva o fenômeno dos *eufemismos* e explique seu impacto na mudança semântica.
- (20) O que é *hipérbole* e qual sua relevância para a mudança semântica?
- (21) O que se quer dizer pelo termo *interferência semântica* quando se fala de mudança de significado?
- (22) O fenômeno do *empréstimo* ou *cópia lexical* envolve quais processos e pode provocar quais tipos de mudança?
- (23) Qual a diferença entre o *léxico básico* e o *léxico cultural*?
- (24) Quais recursos linguísticos existem para falantes preencherem eventuais lacunas lexicais em sua língua?
- (25) Quais problemas as cópias lexicais podem causar para a reconstrução da história fonológica de uma língua?
- (26) Qual o impacto eventual de *tabus lexicais* na mudança linguística?
- (27) Qual o significado do termo *inovação lexical*?
- (28) O que pode ocorrer em casos de *compressão lexical*?
- (29) Quais processos estão envolvidos na criação de *cruzamentos lexicais*?